

## Monumentos religiosos de Foz do Iguaçu: aspectos da multiculturalidade

Mac Donald Fernandes Bernal<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal tecer análises sobre os monumentos religiosos presentes na espacialidade multicultural característica de Foz do Iguaçu. Para tanto, as observações demonstram indicativos de como se constituiu o imaginário da cultura plural na região, bem como seus elementos de representação. De forma metodológica é feita a observação empírica dos monumentos considerados como atrativos turísticos, bem como seu mapeamento na espacialidade do município, traçando conexões com suas representações religiosas. Como forma de sustentar as argumentações, são acionadas referências teóricas aderentes ao tema, alinhando reflexões conectivas entre o monumento, a memória e o patrimônio. O estudo aponta que elementos referenciais da cultura local tendem a se tornar atrativos turísticos inseridos em uma dinâmica mercadológica.

Palavras-chave: Foz do Iguaçu; Monumentos; Multiculturalidade; Religiosidade.

### 1. Introdução

O presente estudo, por meio da observação empírica, somada a evocação de teorias pertinentes ao tema abordado, pretende demonstrar o que seria um fenômeno de transição entre locais de culto (filosófico ou religioso) característicos de identidades culturais presentes em Foz do Iguaçu para se tornarem monumentos e, posteriormente, atrativos aproveitados pelo mercado turístico. Esta abordagem permite apresentar vias de compreensão sobre a dinâmica de composição dos monumentos e a forma como estas representações são absorvidas como itens de uma multiculturalidade local imaginada. Destarte, as análises aqui apresentadas se referem ao tempo presente e se constituem por observações realizadas no perímetro da espacialidade de Foz do Iguaçu.

A cidade de Foz do Iguaçu, localizada no oeste paranaense, abarca um espaço que se consolidou pela vocação turística, contendo atrativos mundialmente procurados. Além disso, a cidade tornou-se referência como representação multicultural por sua pluralidade étnica. A diversidade trouxe consigo suas crenças e seus templos, alguns deles se tornando também

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Pesquisador do Patrimônio Histórico e Cultural na Fundação Cultural de Foz do Iguaçu; Professor dos Cursos de Comunicação (Publicidade e Propaganda e Jornalismo) no Centro universitário Dinâmica das Cataratas – UDC. Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil. E-mail: mac.pub@gmail.com

atrativos por seu formato diferenciado, o que corresponde a uma crescente busca por um nível cada vez mais aprimorado de representatividade.

Neste parâmetro, o templo, por vezes, responde a objetivos que vão além do usual, buscando atrair um público que se apresenta heterogêneo, em um ambiente onde a fé se configura também como atrativo mercadológico. A representatividade torna-se, desta forma, um parâmetro de sobrevivência, ao menos permanência, no ambiente cultural plural cuja economia predominante é voltada ao turismo.

As análises sobre a representação religiosa de Foz do Iguaçu em sua configuração multicultural são embasadas aqui por meio de textos aderentes aos temas delineados no fluxo deste estudo. As referências teóricas foram elencadas para proporcionar pistas sobre como a sociedade pode, a partir do monumento, conectar memórias que se constituem a partir do objeto.

Os monumentos são observados também em seu enquadramento multicultural dispostos no ambiente urbano, e na relação que estes estabelecem entre si. Por fim, é examinado o fator mercadológico, de posicionamento competitivo enquanto atratividade, bem como sua manutenção e promoção.

Espera-se que estas generalizações possam auxiliar a compreensão sobre como os monumentos presentes em Foz do Iguaçu constroem suas significações e se projetam em face ao contexto turístico e multicultural da região.

## **2. Identidades Culturais em Foz do Iguaçu: o ser e o não ser**

A chamada *Região Trinacional do Iguaçu* compreende o território que abrange a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, reunindo três cidades polo: Ciudad Del Este (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina). Conforme fontes emanadas do poder público, em sua origem histórica a região era habitada por índios Caingangues e Guaranis antes da expansão colonialista iniciada a partir de 1542, período em que se registra a descoberta das Cataratas do Iguaçu com a passagem do espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca rumo a Assunção, no Paraguai.

Mais tarde, a povoação local ganhou impulso, primeiramente influenciada pelas Missões Jesuíticas e, mais tarde, pela extração da erva-mate e madeira, e a presença militar com a função de assegurar os limites fronteiriços. Época em que, além de indígenas, brasileiros, argentinos e paraguaios, alguns grupos espanhóis, franceses e ingleses já se aventuravam pela região.

Com o tempo, o lugar foi se modernizando para atender a demanda turística crescente; recebeu infraestrutura viária com a pavimentação de rodovias e a construção das pontes que interligam os três países, aumentando as interações internacionais; construiu um novo aeroporto, gerando maior fluidez ao tráfego de pessoas em grandes distâncias; e sofreu a explosão demográfica, ocasionada, sobretudo, pela construção da Hidrelétrica de Itaipu e pelas oportunidades oferecidas pelo comércio de fronteira.

Conforme Catta (2003, p. 25), Foz do Iguaçu é uma cidade estrategicamente localizada na fronteira de três países, possuindo uma das mais impressionantes belezas naturais e uma das mais importantes obras construídas pelo engenho humano, além de um frenético comércio de produtos importados, movimentando milhões de dólares anualmente. Razões pelas quais, vários grupos étnicos, do Brasil e de diversas outras partes do mundo, vieram se somar aos imigrantes que já haviam se fixado no local em épocas coloniais, formando o que este autor vem a chamar de “caldeirão cultural”.

Estes seriam fatores que ajudaram a instaurar um imaginário local, de uma região tida como peculiar não apenas por seus atrativos já consolidados, mas também por apresentar uma representativa diversidade cultural. Condição esta, amplamente aproveitada para a promoção turística do lugar. Algo não raro no Brasil, mas que difere de diversas outras localidades, onde a cultura nativa é tida como patrimônio local, e onde é notado o interesse em seu resguardo como tal.

Sobre estes aspectos que evidenciam a construção de um discurso sobre a multiculturalidade de Foz do Iguaçu, Klauck e Szekut (2012) apontam para uma estruturação midiática com a finalidade de consolidação de um referencial patrimonializado.

[...] solidificou-se um discurso construído institucionalmente, pelo poder público e setores do turismo, de forma interessada, de que essa constituição multicultural é uma riqueza da cidade. As características dos grupos que integram este espaço são nomeadas pelos atributos identitários próprios, como a língua árabe, o templo budista, os temperos paraguaios, a gastronomia asiática, a música gauchesca, entre tantos outros. Esses traços são mostrados como patrimônios culturais. (KLAUCK e SZEKUT, 2012, p. 158).

Esta representação social multifacetada estaria igualmente determinada por levantamentos estatísticos e, desta forma, também institucionalizada. De acordo com dados apresentados pela Delegacia da Receita Federal, e do Plano Diretor Municipal (Lei Complementar n° 271, de 18 de julho de 2017), Foz do Iguaçu possui 81 etnias, sendo que os principais grupos étnicos da região são: italianos, alemães, libaneses (árabes), hispânicos (argentinos e paraguaios), chineses, ucranianos e japoneses. Se considerados outros

municípios limítrofes de cada país, a região forma um grande conglomerado internacional, onde circulam pelo menos cinco diferentes moedas (real, guarani, peso, dólar e euro) e se fala diariamente, de forma fluente, no mínimo cinco idiomas: português, espanhol, guarani, árabe e mandarim.

Há que se considerar, entretanto, que o pressuposto da diversidade cultural são as identidades culturais que nela se notam, as formas pelas quais as culturas díspares se expressam por seus agentes, tornando-se também referências culturais associados aos locais onde se inserem. Nesta perspectiva, a etnicidade pode também ser percebida, dentre outras formas, pelas representações da religiosidade como uma das mais significativas expressões de identidade cultural, seja por seus costumes como também por seus templos.

Desta forma, os templos se tornam monumentos por sua representatividade característica e por se configurarem como elementos agregadores de memórias.

Em primeira instância é fácil pensar o monumento como um obelisco ou estátua representativa de alguma figura histórica ou mitológica e, desta forma, podendo ser considerado também como uma produção artística dotada de elementos simbólicos em sua conjuntura. Com o tempo, o exotismo ou atributos dados à algumas obras arquitetônicas culminaram em consagrar algumas edificações de habitação ou circulação humana como sendo também monumentos, cuja visitação turística tratou de fortalecer este conceito, tornando aquela edificação um elemento referencial para a cidade, região ou país na qual ela se fixa. Nesta ótica, a historiadora francesa Françoise Choay (2006) ajuda a compreender o que se entende por monumento e sua relação com a memória:

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. (CHOAY, 2006, p. 17).

Outro aspecto sobre o monumento se refere ao fator identitário que ele produz por ser um elemento centralizador, não apenas de memórias, mas de conectivos entre elementos pertencentes a grupos específicos no qual o monumento se insere e se referencia. Desta forma, o monumento ao mesmo tempo em que agrupa estes indivíduos, tende também a evidenciar suas diferenças.

Conforme apontado pelo escritor Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 74), a identidade resulta da diferença, ou seja, são relacionais, dependem e se envergam sobre o mesmo objeto

referencial. Deste modo, no momento em que se afirma ser algo, exclui-se uma cadeia ampla de outras identidades que foram suprimidas da delimitação referenciada.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) compreende a identidade como inserida dentro de um mercado de bens simbólicos, albergada propriamente na lógica simbólica de distinção, em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por suas palavras:

[...] a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença. Qualquer unificação, que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 1989, p. 129).

Tanto a identidade quanto a diferença são determinadas pelas relações sociais, estando sua significação sujeita a vetores de força, às relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas e, por vezes, não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias. Elas são disputadas.

### **3. As representações monumentais religiosas do espaço iguaçuense**

Por ser uma cidade onde a economia se baseia fortemente no turismo, Foz do Iguaçu se caracteriza, de forma especial, por sua representatividade visual. As imagens dos atrativos turísticos (Cataratas, Hidrelétrica de Itaipu, Macuco Safári, Parque das Aves, Marco das Três Fronteiras, dentre outros) são replicadas e expostas em diversos meios de comunicação como método de persuasão para atrair os visitantes. Da mesma forma, é possível perceber que existe também uma busca por um aprimoramento nas representações visuais da religiosidade local. Templos e monumentos religiosos acabam se tornando componentes do repertório turístico da cidade por sua representatividade, tornando-se referência da multiculturalidade imaginada.

[...] não é possível definir que existe uma identidade coletiva, associada ao cenário da diversidade populacional de Foz do Iguaçu. E, quando se valoriza a pluralidade cultural como riqueza, moldando referências de patrimônio cultural, deve-se considerar que estas estão sendo forjadas pelas lutas de representações, capazes de definir e fixar um imaginário social coletivo. (KLAUCK e SZEKUT, 2012, p. 174).

Acima de tudo, a monumentalização dos templos expressa a presença daquela determinada religião naquela espacialidade, tal qual uma bandeira hasteada no cume de uma montanha conquistada.

É certo que nem todas as religiões promovem sistematicamente o proselitismo, contudo, o apelo visual dos templos se mostra como um indicativo da eterna disputa pela

conversão das almas, onde aquelas igrejas que não aplicaram investimentos semelhantes em sua visibilidade, acabam sendo preteridas.

De qualquer forma, a reconfiguração de igrejas e monumentos para servirem igualmente à fé e ao turismo é uma realidade presente em muitas cidades. Um aproveitamento mútuo cuja iniciativa pode partir tanto da religião representada como da indústria turística. Um exemplo deste modelo é o que se apresenta no ônibus que faz o *city tour* (circuito turístico) de Foz do Iguaçu. Uma iniciativa privada, gerenciada pela empresa *Loumar Turismo*. O passeio privilegia aspectos históricos e culturais da cidade, contando com paradas no Templo Budista, Mesquita Muçulmana e Marco das 3 Fronteiras em seu circuito.

Na imagem a seguir, é possível ver estampados em destaque nas laterais do ônibus do *city tour*, as figuras do Marco das Três Fronteiras, o Gresfi (clube militar onde funcionou o primeiro aeroporto da cidade), a Mesquita Islâmica, a nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe, e o Templo Budista. No âmbito religioso, aparecem três grandes religiões representadas por seus templos: a cristã, a muçulmana e a oriental. Naturalmente existem outras denominações que não figuram ali, uma vez que há a oficialização de 81 etnias na cidade, onde, cada qual, possivelmente tende a uma linha religiosa.

Esta observação leva a concluir que o critério de escolha para estar impresso no ônibus certamente perpassa pela sua representatividade, sendo escolhidas as de maior notoriedade e, conseqüentemente, descartando muitas outras que não apresentam condição semelhante.

**Figura 01:** Ônibus “Foz do Iguaçu *City Tour*” contendo templos e monumentos estampados nas laterais.



Foto: Autor desconhecido. Data: 2020.

Fonte: <<https://www.facebook.com/loumartur/>>. Acesso em 12/12/2020.

A espacialidade onde se detecta uma variada gama de representações religiosas pode ser tida como um exemplo de multiculturalidade, de pacificidade e harmonia. Mas pode significar também, talvez veladamente, um ambiente de disputas. É em função dessas disputas e contradições que Claude Lévi-Strauss (1980) afirma que a noção de diversidade cultural não deve ser concebida de uma maneira estática.

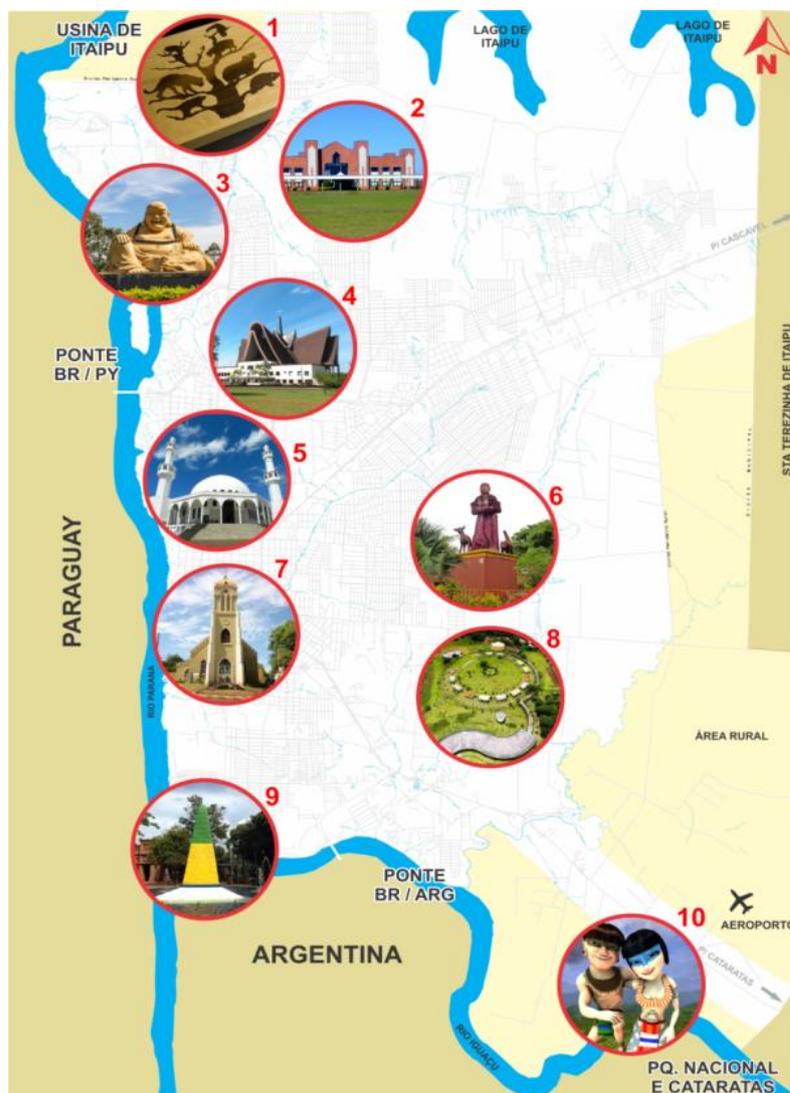
[...] a humanidade está constantemente em luta com dois processos contraditórios, para instaurar a unificação, enquanto que o outro visa manter ou restabelecer a diversificação. A posição de cada época ou de cada cultura no sistema, a orientação segundo a qual esta se encontra comprometida são tais que só um desses processos lhe parece ter sentido, parecendo o outro ser a negação do primeiro. Mas ao dizer, como poderíamos estar inclinados a fazê-lo, que a humanidade se desfaz ao mesmo tempo que se faz, procederíamos ainda segundo uma visão incompleta. Porque, em dois planos e em dois níveis opostos, trata-se de duas maneiras muito diferentes de se fazer. [...] É uma atitude dinâmica, que consiste em prever, em compreender e em promover o que quer ser. A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única exigência que podemos fazer valer a seu respeito (exigência que cria para cada indivíduo deveres correspondentes) é que ela se realize sob formas em que cada uma seja uma contribuição para a maior generosidade das outras (LÉVI-STRAUSS, 1980, p. 86-87).

Conforme Cardoso e Mauad (1997, p. 404), “uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo”. Nas observações sobre os monumentos presentes em Foz do Iguaçu é possível perceber que grande parte destas edificações, até mesmo aquelas que não são diretamente associadas a uma instituição ou doutrina religiosa, tende a uma temática mística ou mítica.

Para auxiliar a compreensão sobre esses domínios, a figura a seguir apresenta um mapa onde é possível visualizar a distribuição de alguns destes monumentos na área do município. Os elementos indicados no desenho foram escolhidos por sua notoriedade e por associarem-se a significados simbólicos em suas representações visuais ou contextualizações, algumas delas com maior ou menor grau de percepção.

A legenda correspondente ao mapa faz um indicativo sobre o nome do monumento; a crença (ou doutrina) que, de alguma forma, se vincula a ela; e seu significado.

**Figura 02:** Mapa de Foz do Iguaçu com a distribuição de templos, monumentos e paisagens simbólicas.



Autor: Mac Fernandes. Data: 2020.

**Legenda referente a figura 2:**

Monumento	Crença/Doutrina
1 - Hidrelétrica de Itaipu	Mitologia indígena guarani: O artesanato de referência cultural <i>A Árvore da Vida</i> . Teria surgido inspirado na operação <i>Mimba Kuera</i> (pega-bicho), na época da formação do Lago de Itaipu.
2 - Unioeste – <i>Campus</i> Foz do Iguaçu	Cristã / Catolicismo: Prédio inspirado nas reduções das Missões Jesuíticas
3 - Templo Budista <i>Chen Tien</i>	Religião / Filosofia
4 - Catedral N. Sra. Guadalupe	Cristã / Catolicismo
5 - Mesquita Muçulmana <i>Omar Ibn Al-Khatab</i>	Islamismo
6 - Estátua de São Francisco	Cristã / Catolicismo
7 - Igreja Matriz São João Batista	Cristã / Catolicismo
8 - CEAEC - Cognópolis	Filosófica / Conscienciologia
9 - Marco das Três Fronteiras	Filosófica / Maçonaria
10 - Cataratas do Iguaçu	Mitologia ou lenda indígena: Lenda das Cataratas

Autor: Mac Fernandes. Data: 2020.

Conforme apresentado no mapa, o território municipal de Foz do Iguaçu revela-se bastante disputado por representações associadas à mística religiosa, mitológica ou filosófica. Seriam fatores que ajudam a moldar um discurso utópico de identidade multicultural pacífica nesta espacialidade de fronteira, tornando-se, desta forma, sua referência. O espaço compartilhado, por sua vez, é favorável para o intercâmbio de costumes, o que não necessariamente reflete o mesmo para o ecumenismo, cuja manifestação notadamente se dá de forma esporádica em eventos pontuais. Existe a multiculturalidade como uma leitura homogênea do espaço, tal como a visualização da figura presente em um jogo de quebra-cabeças, cuja compreensão é possível pela junção das suas peças. Contudo, a setorização dos monumentos mostra-se como uma forma de apropriação de seus fragmentos, e cuja delimitação territorial é um importante procedimento para evitar conflitos.

#### 4. Aspectos da multiculturalidade e identidade cultural em Foz do Iguaçu

Segundo o antropólogo argentino Néstor García Canclini (2005), é possível perceber a multiculturalidade como um fenômeno desestruturado em vista das frequentes transformações que ocorrem na sociedade, onde são moldadas novas configurações a cada momento. Para Canclini (2005, p.16), “os Estados e as legislações nacionais, as políticas educacionais e de comunicação que ordenavam a coexistência de grupos em territórios delimitados são insuficientes ante a expansão das misturas interculturais”. A modernidade permite, pois, uma dinâmica de fusão entre culturas, descaracterizando conceitos anteriores, e caracterizando novas configurações.

De um mundo *multicultural* - justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação - passamos a outro, *intercultural* e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (CANCLINI, 2005, p. 17).

Desta vertente é possível considerar que os monumentos são traços da multiculturalidade, porém estariam longe de uma leitura de interculturalidade por não produzirem conectivos.

Os conceitos de *multiculturalidade* e *interculturalidade* podem ser associados ao tratamento em que a historiadora e filósofa portuguesa Olga Pombo (2008, p. 13) apresenta

sobre a *Epistemologia da Interdisciplinaridade*. A etimologia dos prefixos que aqui antecedem a palavra *culturalidade*, podem ser empregadas onde a *multi* (ou pluri) *culturalidade* supõe o “pôr em conjunto”, estabelecendo algum tipo de paralelismo ou coordenação; e o prefixo *inter*, faz valer os valores da convergência, da complementaridade, do cruzamento e combinação.

Para Canclini (1998, p. 17), a América Latina é o local em que “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar”, e onde ele detecta um longo histórico de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônima de pluralidade. Sua análise antropológica revela que historicamente, sempre ocorreu hibridação na medida em que há contato entre culturas e uma toma emprestados elementos das outras. No mundo contemporâneo, o incremento de viagens, de relações entre as culturas e as indústrias audiovisuais, as migrações e outros processos fomentam o maior acesso de certas culturas aos repertórios de outras. Nesse contexto percebe-se que os processos de hibridação são uma das modalidades de interculturalidade, porém, em muitos casos essa relação não é só de enriquecimento, ou de apropriação pacífica, mas conflitiva. Na cidade de Foz do Iguaçu é possível facilmente detectar traços de hibridação cultural. Lanchonetes que oferecem o *shawarma*, pessoas que buscam no *tereré* um refresco contra o calor, e até mesmo as rodas de amigos que compartilham o *narguilé* deflagram esta realidade. Contudo, não são raros casos de estranhamentos que demonstram o caráter conflitivo deste fenômeno, onde se supõe que as interações se manterão pacíficas até onde não exista o choque cultural.

Estes aspectos seriam características do que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003) vem a classificar como *pós-modernidade*, onde todo o processo de novas informações e tecnologias que cada vez mais aparecem, torna-se difícil a percepção de contornos nítidos do que chamamos “identidade cultural” de determinada sociedade. Surge então o conceito de “crise de identidade” da cultura, se considerássemos as mudanças frequentes das sociedades modernas decorrentes do processo de globalização que, de certa forma, descaracterizam os grupos populacionais. Como consequência do processo de globalização, as identidades culturais não apresentam hoje contornos nítidos e estão inseridas numa dinâmica cultural fluida e móvel. Em decorrência disso, para Bauman (2003, p. 128) a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta. Já na esfera trinacional este fenômeno pode ser agravado pela pluralidade étnica, onde comunidades de origens distintas convivem num mesmo espaço territorial compartilhado, causando a apropriação ou esvaziamento das expressões culturais locais que distinguem cada comunidade dentro de um padrão conceitual teórico.

A segurança é uma condição necessária do diálogo entre culturas. Sem ela, há pouca chance de que as comunidades venham a abrir-se umas às outras e a manter uma conversa que venha a enriquecê-la e a estimular a humanidade de sua união. Com ela, as perspectivas da humanidade parecem brilhar. (BAUMAN, 2003, p. 128).

Outra vertente teórica relacionado à identidade cultural analisa o fenômeno por outro prisma. Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2002), o impacto da pós-modernidade fez surgir um novo interesse pelo local, com suas peculiaridades que o tornam únicos e estabelecem, através das diferenciações, uma identidade cultural própria.

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2002, p. 59).

Neste aspecto, Foz do Iguaçu se mostra conhecida principalmente pelo fator turístico, mas que além desse aspecto apresenta diferenciais peculiares de cultura e etnias que, ao serem fortalecidos, servem para também referenciá-la.

## 5. A memorialização do monumento

A religiosidade está atrelada a seus lugares de culto, que, por sua vez, são comumente realizados em um templo (lugar sagrado). Alguns destes templos, na espacialidade aqui observada, tendem a tornarem-se monumentos por estabelecer uma forte relação com a memória. Conforme o teólogo belga Eduardo Hoornaert (1986, p. 17), “Em contraste com as outras religiões, o judaísmo e o cristianismo são por excelência religiões da memória, fundamentadas na recordação de fatos históricos que ficam rememorados ao longo dos tempos”. Desta forma, além da escrita e do culto, para estas vertentes seus templos são seus monumentos e, portanto, instrumentos de grande importância nesse processo, pois cumprem o papel de pontos convergentes onde as lembranças são ancoradas, locais onde é possível corporificar a memória e onde o sentido de continuidade permanece.

Para Le Goff (1996, p. 95) “o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva), o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.

O conceito de memória se relaciona com as formas pelas quais as pessoas constroem sentidos ou significados do passado, e como estes sentidos relacionam esse passado ao presente no ato de recordar. Processos estes, subjetivos e ancorados em experiências ou em marcadores materiais e simbólicos nos quais a memória se perpetua. Para Candau (2014, p. 35). “existência

de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” O templo como monumento configura-se, portanto, como ponto convergente de alinhamento de memórias, pois vem “delimitar uma área de circulação das lembranças”, conforme alude Candau (2014).

A relação humana para com o objeto é fator primordial para a construção de significações. Para Choay (2006), a função antropológica é a essência do monumento, por sua relação com o tempo vivido e com a memória.

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 18).

O objeto de representação aponta para algo que está ausente e que se compõe a partir de uma percepção pessoal, cuja interpretação se constrói por meio da conjuntura cultural na qual os sujeitos estejam inseridos. O sociólogo austríaco Michael Pollak (1992, p. 05) afirma que a identidade é auxiliada pela memória “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

A identidade tem no passado seu lugar de construção, e a memória exerce forte papel na formação da identidade, pois o que um grupo ou uma sociedade consegue se lembrar ou escolhe esquecer, legitima ou desclassifica discursos, comportamentos, atitudes, cerimônias e até direcionamentos políticos e sociais. Memória e identidade, portanto, configuram-se como fatores indissociáveis, pois não existe busca identitária sem memória e, ao mesmo tempo, a busca ativada pela memória sempre acaba trazendo um sentimento de identidade.

A memória se constitui do sentido de continuidade daquele que se lembra, portanto, para Halbwachs (2006, p. 81) “aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Idealização esta, que se vincula ao esforço de preservação ou promoção de pontos de referência para a práxis da memória.

Segundo Candau (2014, p. 22), é possível classificar a memória como o que ele vem a chamar de “memórias fortes e fracas”, distinguindo a memória a partir de três qualidades: a *protomemória*, que seria a memória socialmente incorporada, expresso na linguagem, nos gestos e reações, que são ações automáticas, até mesmo impensadas, semelhante ao conceito

de *habitus* de Bourdieu (2008); a *memória* propriamente dita, ancorada nos saberes culturais, crenças e emoções, acionadas por recordação ou evocação voluntária, promovidos por extensão em plataformas artificiais, tais como filmes, fotografia, música livros, dentre outros, e possíveis de serem replicadas; e, por fim, a *metamemória*, que se constitui como construção identitária ou memória coletiva, de pertencimento e socialização, onde ocorre a valorização das próprias lembranças. As duas primeiras memórias constituem a memória individual e a terceira, a memória coletiva, possível de ser compartilhada, visto que seria comum a todos os membros de um grupo.

Este conceito se aplica nas possibilidades de vínculo que a memória possa vir a ter com o monumento. Para tornar-se memória social, ou *metamemória*, existe o esforço já mencionado de construção de identidade a partir de um ponto de referência. Contudo, sem a devida valorização das pistas que lhe são comuns e agregadoras, tal como o conhecimento histórico acerca do objeto referencial, esta tarefa configura-se, por demais, infrutífera. A história, neste quesito, compreende uma importante ferramenta para a ativação da memória, proporcionando significado às representações.

Para Halbwachs (2006, p. 61) nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social, pois o pensamento coletivo é produzido na sociedade por meio do que ele vê como “uma lógica de percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior”. Destarte, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Ainda conforme Halbwachs (2006, p. 102), a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem, de vertical, pois não retém do passado se não o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”

A memorialização, portanto se mostra como um suporte para a significação de vivências, conforme alude Cadau:

A memória nos dará esta ilusão o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente. (CANDAUI, 2014, p. 15).

Associado a esta idealização, para Jacques Le Goff (1996, p.29) a memória coletiva e a memória social estão associadas, sendo ambas advindas da história, que as vê como “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas que constitui o vivido dessa relação nunca acabada entre o presente e o passado”.

## 6. A patrimonialização do monumento

Todo lugar tem sua história e, por conseguinte, elementos referenciais que contribuem com suas narrativas. Um patrimônio cultural, artístico, religioso ou natural faz parte da história das cidades, constituindo papel simbólico indicativo das culturas locais. Um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução na história das cidades, e que deixam marcas que se aderem à vivência de suas populações.

Existe um pensamento popular de que ao se dar nome a algo, se começa a afeiçoar a ele. Denominar algo como patrimônio é, portanto, categorizá-lo a um patamar que agrega uma série de atributos, sendo que a preservação (ou proteção) revela-se como uma condição central. Seria um convocatório ao público em geral de que aquele item, por ser patrimônio, pertence a todos (ao menos discursivamente) e, portanto, é merecedor de cuidados especiais. Mas este é um procedimento notadamente recente. Esta iniciativa vem corresponder a uma tendência percebida na atualidade de se proceder a patrimonialização de elementos representativos de cidades ou regiões. Choay (2006, p. 12) ajuda a lembrar que, historicamente, sempre houve registros de descaso com o patrimônio, e que as iniciativas de preservação se configuram como um fenômeno relativamente novo.

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), criado nos anos 1930, foi uma forma de intervir e frear o desmantelamento do patrimônio existente que sofria com descaso causado pela mentalidade desenvolvimentista que propunha eliminar o que considerava arcaico para interpor o novo em nome da modernidade. Entretanto, nos dias atuais o patrimônio valorizado já não é visto mais como um problema, e sim como uma oportunidade para a ampliação da expressão social e para o crescimento econômico nos locais em que se inserem.

Conforme Prats (2005, p.24), “o patrimônio local é constituído por todos os objetos, lugares e manifestações locais que, em cada caso, têm uma relação metonímica com a externalidade cultural”. Desta forma, os processos de patrimonialização são acionados pelas construções sociais que se moldam por meio de identidades culturais. Um movimento não necessariamente espontâneo ou não completamente espontâneo, mas que pode comportar um alto grau de espontaneidade e consenso prévio, uma vez que seus elementos referenciais sejam preservados.

A valorização das referências patrimoniais pela população segue em parte, implicitamente, os mesmos princípios de legitimação que este terá adquirido em seu processo de aprendizagem cultural (natureza, passado e gênio), mas outro princípio

adquire um valor ainda mais relevante: o significado. Determinados objetos, lugares e manifestações, patrimoniais ou não, estão relacionados intensamente com a biografia dos indivíduos e com suas interações (PRATS, 2005, p. 25).

Os templos apresentam dupla possibilidade de patrimonialização. Uma por se tratarem de elementos da heterogeneidade componentes da identidade cultural característica de Foz do Iguaçu, correspondente à *multiculturalidade*. Desta forma, os templos podem ser pensados como um patrimônio cultural por ser componente do “conjunto multicultural local”. Porém, os templos, por si só, garantem outro aspecto patrimonial por seu fator histórico local, incorporando personagens e memórias ao longo de sua existência. Algo que, segundo Poulot (2009, p.199), “lhes permite inscrever-se em uma filiação e reivindicar uma transmissão”. Conceito intransferível por estar nitidamente localizado e que não pode ser realocado por estar intimamente relacionado com a história e os elementos do lugar.

Contudo, há que se considerar que Foz do Iguaçu tem o turismo como uma de suas principais fontes de economia e os processos de patrimonialização, conseqüentemente, tendem a ser influenciados por este aspecto. Conforme Prats (2005, p. 24) a magnitude dos fluxos de visitantes de que o patrimônio localizado é capaz de atrair depende de vários fatores. Em primeiro lugar, do interesse social que o suscita por sua atratividade intrínseca. Mas também por parâmetros turísticos, como a sua localização em relação ao mercado emissor e receptor de visitantes, a logística e a infraestrutura turística existente, que inclui outros tipos de atrações complementares, seu marketing como um produto turístico ou sua inclusão em produtos turísticos mais amplos. O ônibus de *city tour*, já mencionado anteriormente, vem de encontro a este aspecto, promovendo o desenvolvimento do turismo baseado no patrimônio local. Desta forma, o processo de ativação patrimonial em Foz do Iguaçu também mostra-se modulado pelo mote turístico, mesmo se tratando de itens de cunho cultural que, ao fim, acabam sendo direcionados a um vislumbre mercadológico.

A mercantilização do patrimônio ocorre como consequência da configuração social, na medida em que o turismo existe e se apropria do discurso sobre identidade, não da identidade em si. Neste parâmetro, a ativação do patrimônio revela-se como um artifício, uma ficção, um jogo simbólico e econômico.

## **7. Considerações finais: o monumento e o mercado turístico**

A diversidade cultural, tal qual o município, surge a partir de um processo colonial de apropriação do espaço por sujeitos alheios a ele. Neste decurso o direito de domínio (ou opinião) do nativo é desconsiderado. O que seria uma cultura local passa a ser uma cultura

inserida, e se constitui como representativa da espacialidade. Evidentemente, uma característica presente não apenas na realidade aqui perscrutada.

A temática sobre a multiculturalidade local tem sido largamente explorada pela comunidade acadêmica como um fenômeno social de ampla conjectura. Esta dinâmica é, ao mesmo tempo, positiva como também preocupante, pois pode evidenciar impressões apenas aparentes ou atreladas a bases discursivas já previamente estabelecidas, ignorando expressões culturais que fogem de um padrão esperado. Nesta perspectiva, os monumentos religiosos erguidos na espacialidade do município tendem a sustentar um imaginário multicultural que certamente não representa sua totalidade. Desta forma, a representatividade se estabelece na medida em que determinada cultura se encontra capacitada a figurar, ou é considerada socialmente permitida.

O monumento apresenta-se neste processo com um elemento que carece de manutenção, não apenas em sua materialidade, como também em sua eficácia representacional, uma vez que o propósito existencial do objeto está ancorado ao fator simbólico nele projetado. O monumento é um elemento frio e inerte, submetido, portanto, a uma total dependência do que o homem lhe atribui culturalmente, e este, por sua vez, é um ser essencialmente mutável.

Os termos memorialização e patrimonialização não se referem a um processo espontâneo, pois indicam uma dinâmica de ação no qual o presente artigo pôde demonstrar como sendo, no primeiro caso, os esforços empreendidos pelo monumento no intuito de servir como referência às memórias populares ou como forma de provocá-las. Neste último aspecto, o exercício se dá, não pela evocação do elemento pela memória, mas pela ação da escolha de itens para que se tornem memórias, e aí é que se revela o movimento de memorialização.

O segundo caso mostra-se atrelado ao primeiro, onde é percebido um desencadeamento que parte da legitimação de itens memórias que, na contemporaneidade acabam por se tornar patrimônio. Isso se dá pela tendência atual de preservação do passado como refúgio às crises existenciais do presente. A patrimonialização, seja ela provocada pela via institucional ou exercida de forma involuntária por seus simpatizantes, é uma forma de assegurar a permanência das referências memoriais.

O que este artigo pôde observar, ou ao menos indicar, é um processo de mercantilização no qual estes fenômenos são intencionados, incentivados ou aproveitados pela indústria do turismo, que se beneficia a cada momento em que re-potencializa algo que já estava desgastado, ou propõe uma nova utilidade a elementos que até então não eram considerados ou não se propunham originalmente como atrativo turístico.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt – *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CATTA, Luiz Eduardo. *O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart – *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* – 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Série I Experiência de Deus e Justiça. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.
- KLAUCK, Samuel; SZEKUT, Andressa. Diversidade Populacional: Discursos de fixação do Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu. In Revista Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu v. 14 n° 2 p.157-177. 2º semestre de 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/7175/5807>>. Acesso em 30/04/2020.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*. Tradução de Inácia Canelas. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1980.
- LOUMAR Turismo. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/loumartur/>>. Acesso em 12/12/2020.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos Históricos*, vol.5, n°10. Rio de Janeiro. 1992.

POMBO, Olga. *Epistemologia da interdisciplinaridade*. Ideação: Revista do Centro De Educação e Letras da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu, v. 10 n°1 p.9-40. 1° semestre de 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>>. Acesso em 20/12/2020.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI. Do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. *Concepto y gestión del patrimonio local*. Artigo. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n. 21, p. 17-35, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

## **Monumentos religiosos de Foz do Iguaçu: aspectos de la multiculturalidad**

### **Resumen**

El objetivo principal de este artículo es analizar los monumentos religiosos presentes en la espacialidad multicultural característica de Foz do Iguaçu. Por tanto, las observaciones muestran indicios de cómo se constituyó el imaginario de la cultura plural en la región, así como sus elementos de representación. De manera metodológica se realiza la observación empírica de los monumentos considerados como atractivos turísticos, así como su mapeo en la espacialidad del municipio, trazando conexiones con sus representaciones religiosas. Como forma de sustentar los argumentos, se disparan referencias teóricas al tema, alineando reflexiones conectivas entre monumento, memoria y patrimonio. El estudio señala que los elementos de referencia de la cultura local tienden a convertirse en atractivos turísticos insertados en una dinámica de mercado.

Palabras claves: Foz do Iguaçu; Monumentos; Multiculturalidad; Religiosidad.

## **Monuments religieux de Foz do Iguaçu: aspects de la multiculturalité**

### **Résumé**

L'objectif principal de cet article est d'analyser les monuments religieux présents dans la spatialité multiculturelle caractéristique de Foz do Iguaçu. Ainsi, les observations montrent des indications sur la manière dont s'est constitué l'imaginaire de la culture plurielle dans la région, ainsi que ses éléments de représentation. De manière méthodologique, l'observation empirique des monuments considérés comme attrait touristiques est faite, ainsi que leur cartographie dans la spatialité de la commune, traçant des liens avec leurs représentations religieuses. Pour étayer les arguments, des références théoriques adhérentes à la thématique sont activées, alignant des réflexions connectives entre le monument, la mémoire et le patrimoine. L'étude souligne que les éléments de référence de la culture locale tendent à devenir des attractions touristiques insérées dans une dynamique de marché.

Mots-clés: Foz do Iguaçu; Les monuments; Multiculturalité; religiosité.

## **Religious monuments of Foz do Iguaçu: aspects of multiculturality**

### **Abstract**

The main objective of this article is to analyze the religious monuments present in the multicultural spatiality characteristic of Foz do Iguaçu. Therefore, the observations show indications of how the imagery of plural culture in the region was constituted, as well as its elements of representation. In a methodological way, the empirical observation of the monuments considered as tourist attractions is made, as well as their mapping in the spatiality of the municipality, tracing connections with their religious representations. As a way of supporting the arguments, theoretical references to the theme are triggered, aligning connective reflections between the monument, memory and heritage. The study points out that reference elements of local culture tend to become tourist attractions inserted in a market dynamic.

Keywords: Foz do Iguaçu; Monuments; Multiculturality; Religiosity.